REVISTA TÓPICOS
ISSN 2965-6672 | Qualis A2

ENTRE A MATERNIDADE IDEALIZADA E A EXPERIÊNCIA VIVIDA: UMA COMPREENSÃO ROGERIANA DO SOFRIMENTO PSÍQUICO FEMININO

BETWEEN IDEALIZED MOTHERHOOD AND LIVED EXPERIENCE: A ROGERIAN UNDERSTANDING OF WOMEN'S PSYCHOLOGICAL DISTRESS

Ciências Humanas • 13/11/2026

REGISTRO DOI: 10.70773/revistatopicos/794519674

Beatriz Passos Lima[1]

Amanda Jennyfer Coelho Costa[2]

RESUMO

A maternidade é uma experiência singular na vida de cada mulher, sendo atravessada por aspectos sociais, históricos e culturais que influenciam a forma como ela é compreendida e vivenciada. Ao longo do tempo, foram construídos ideais sobre o que significa ser mãe, estabelecendo expectativas relacionadas à maneira como a mulher deveria agir, sentir e desempenhar esse papel. Quando essas expectativas se distanciam da experiência vivida, podem surgir sentimentos de culpa, inadequação e sofrimento psíquico. Diante disso, este estudo teve como objetivo geral analisar a relação entre a idealização social da maternidade, a experiência vivida pelas mulheres e o sofrimento psíquico, a partir da perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa. Como objetivos específicos, buscou-se analisar a construção histórica e social da maternidade; compreender os possíveis impactos psicológicos decorrentes do conflito entre a experiência real da maternidade e os ideais socialmente impostos; e refletir sobre a compreensão do sofrimento psíquico e emocional feminino a partir da Abordagem Centrada na Pessoa. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa, de caráter exploratório e descritivo, realizada por meio de revisão bibliográfica, a partir do levantamento e análise de produções acadêmicas relacionadas à construção social da maternidade, à idealização do papel materno, à experiência feminina, ao sofrimento psíquico e à Abordagem Centrada na Pessoa. Os resultados indicaram que a maternidade foi historicamente atravessada por expectativas sociais que contribuíram para a construção de um modelo idealizado de mulher e de mãe. Conclui-se que compreender a maternidade para além dos modelos idealizados possibilita reconhecer a singularidade da experiência feminina e contribui para uma compreensão mais humanizada do sofrimento psíquico relacionado às expectativas sociais sobre o papel materno.

Palavras-chave: Maternidade; Idealização; Abordagem Centrada na Pessoa.

ABSTRACT

Motherhood is a unique experience in every woman's life, shaped by social, historical, and cultural factors that influence how it is understood and lived. Over time, ideals regarding what it means to be a mother have been constructed, establishing expectations about how a woman should act, feel, and perform this role. When these expectations diverge from lived experience, feelings of guilt, inadequacy, and psychological distress may arise. Given this context, the general objective of this study was to analyze the relationship between the social idealization of motherhood, women's lived experiences, and psychological distress, from the perspective of the Person-Centered Approach. Specific objectives included analyzing the historical and social construction of motherhood; understanding the potential psychological impacts resulting from the conflict between the actual experience of motherhood and socially imposed ideals; and reflecting on the understanding of women's psychological and emotional distress through the lens of the Person-Centered Approach. This is a qualitative, exploratory, and descriptive study conducted via a literature review, involving the survey and analysis of academic works related to the social construction of motherhood, the idealization of the maternal role, the female experience, psychological distress, and the Person-Centered Approach. The results indicated that motherhood has historically been shaped by social expectations that contributed to the construction of an idealized model of womanhood and motherhood. The study concludes that understanding motherhood beyond idealized models allows for the recognition of the uniqueness of the female experience and contributes to a more

humanized understanding of psychological distress linked to social expectations regarding the maternal role.
Keywords: Motherhood; Idealization; Person-Centered Approach.

1. INTRODUÇÃO

A maternidade é uma experiência que pode assumir diferentes significados na vida de uma mulher. Embora esteja relacionada a aspectos biológicos, sua vivência também é atravessada por questões sociais, culturais e históricas que influenciam a maneira como ela é compreendida. Ao longo do tempo, foram construídas expectativas sobre o que significa ser mãe e sobre como a mulher deveria vivenciar esse papel, associando a maternidade, muitas vezes, ao cuidado, à dedicação, ao amor e à disponibilidade constante.

Entretanto, essas expectativas podem contribuir para a construção de um modelo idealizado de maternidade, no qual determinados sentimentos e comportamentos passam a ser considerados mais adequados do que outros. Entretanto, a experiência vivida por cada mulher é singular e nem sempre corresponde ao que é socialmente esperado. A maternidade pode envolver sentimentos diversos e, por vezes, contraditórios, como amor, satisfação, cansaço, insegurança, medo, frustração e necessidade de preservar espaços individuais. Quando essas experiências se afastam do modelo idealizado, a mulher pode passar a questionar sua própria capacidade de exercer a maternidade, vivenciando sentimentos de culpa, inadequação e sofrimento.

Nesse sentido, torna-se importante olhar para a maternidade para além de um modelo único ou de uma expectativa previamente

estabelecida sobre como uma mulher deveria ser enquanto mãe. A distância entre aquilo que é esperado socialmente e aquilo que é efetivamente vivido pode produzir conflitos na maneira como a mulher percebe a si mesma e sua própria experiência. Compreender essa relação permite considerar que o sofrimento relacionado à maternidade não está necessariamente na experiência de ser mãe em si, mas também pode estar relacionado às exigências e expectativas que atravessam essa experiência.

Seguindo essa perspectiva, a discussão dessa temática mostra-se relevante para a Psicologia por possibilitar uma reflexão sobre a singularidade da experiência feminina e sobre a forma como determinadas expectativas sociais podem atravessar a maneira como as mulheres compreendem a si mesmas. Além disso, discutir a maternidade a partir de uma perspectiva mais humanizada permite reconhecer que diferentes formas de vivenciar esse papel podem existir e que sentimentos que não correspondem ao ideal materno não devem, por si só, ser compreendidos como sinais de inadequação.

Diante dessa problemática, este estudo tem como objetivo geral analisar a relação entre a idealização social da maternidade, a experiência vivida pelas mulheres e o sofrimento psíquico, a partir da perspectiva da Abordagem Centrada na Pessoa. Foram utilizados livros e artigos científicos relacionados à temática da maternidade, à sua construção histórica e social, à idealização do papel materno, à experiência feminina, ao sofrimento psíquico e à Abordagem Centrada na Pessoa. A pesquisa também contou com a utilização das contribuições teóricas de autores que fundamentam a discussão, especialmente Carl Rogers, Simone de Beauvoir, Judith Butler e Elisabeth Badinter. A partir da leitura e análise dessas

produções, buscou-se estabelecer uma articulação entre os aspectos sociais, históricos e subjetivos envolvidos na experiência da maternidade.

A pesquisa apresenta como delimitação a análise teórica da relação entre a maternidade idealizada, a experiência vivida pelas mulheres e o sofrimento psíquico, não tendo como propósito abranger todas as dimensões relacionadas à maternidade ou estabelecer relações causais entre as expectativas sociais e o sofrimento psicológico. Por se tratar de uma revisão bibliográfica, o estudo também não pretende generalizar as experiências das mulheres, mas compreender, a partir da literatura analisada, como essa relação pode ser discutida no campo da Psicologia.

Como limitação, destaca-se que, por se tratar de uma revisão bibliográfica, esta pesquisa não teve como objetivo investigar diretamente a experiência de mulheres por meio de entrevistas ou outros procedimentos de pesquisa de campo. Dessa forma, as discussões apresentadas foram construídas a partir da literatura selecionada, não sendo possível generalizar os resultados para todas as mulheres ou estabelecer relações causais entre a idealização da maternidade e o sofrimento psíquico.

2. DESENVOLVIMENTO

2.1. Construção do Amor Materno

A temática do amor materno é associada geralmente à fatores positivos, que frequentemente pode ser interpretado de forma equivocada, no sentido de ser ligado diretamente como uma condição de toda mulher. Entretanto, há percepções diferentes relacionadas a maternidade, reproduzido por argumentos sociais e

científicos de acordo com cada era da história. De acordo com Moreira (2009) e Badinder (1985) desde a idade média, até o século XVll, nas famílias tradicionais, as crianças mantinham o vínculo por um curto período de tempo, onde o recém-nascido era entregue à uma cuidadora, logo após o parto; onde só retornaria anos depois para receber a educação necessária.

Compreende-se que no final do século XVlll, surge um conceito novo, onde associa-se o amor a maternidade. Badinder (1985) aponta que esse sentimento não representava a magnitude e importância que passaria a ocupar tempos mais tarde. Desde os anos de 1770 esta autora evidencia que foi determinada à mulher antes de qualquer coisa, o que reverbera até hoje: o do afeto inerente e genuíno de toda mãe pelo filho.

Badinter (1985) e Moreira (2009) discutem que a maternidade passou a ser associada, de maneira mais intensa, a sentimentos como amor, dedicação e sacrifício. Essa valorização, entretanto, não se restringia à exaltação do vínculo entre mãe e filho, mas também envolvia expectativas sociais sobre a forma como as mulheres deveriam exercer a maternidade. Assim, foram sendo construídos padrões de comportamento que apresentavam determinadas atitudes como próprias ou esperadas de uma “boa mãe”, contribuindo para que o exercício da maternidade fosse atravessado por normas e cobranças externas. Conforme Batinder:

> *Enunciava-se uma longa lista de deveres a que nenhuma mãe deveria se furtar. Prova sem dúvida de que a natureza precisava ser solidamente respaldada pela moral! [...] Esse texto tem o mérito de pôr fim ao mito da felicidade feminina no sacrifício, e de substituir claramente o tema do instinto pela moral. (Badinter 1985, p.269).*

Seguindo a perspectiva da autora, a pressão social foi tamanha, que as mulheres se sentiram pressionadas à vivenciar o processo gestacional sem realmente sentir vontade de ser mãe. Desse modo, vivenciaram sua maternidade na base da culpa e sentimentos de inadequação. Badinter (1985) afirma que a medida que a experiência materna se estendia a outras esferas, era reproduzido intensamente a ideia de dedicação incondicional na condição feminina, e que nela encontrara sua principal fonte de felicidade.

Além disso, com o fortalecimento de valores religiosos e morais, especialmente na cultura ocidental, a maternidade passou a ser associada a ideais de pureza, sacrifício e amor incondicional. Conforme aponta Vásquez (2014), a figura de Maria contribuiu significativamente para essa construção simbólica, funcionando como um modelo de maternidade ideal. Esse padrão, marcado pela abnegação e pela dedicação total ao outro, ainda hoje influencia a forma como a maternidade é percebida socialmente, criando expectativas difíceis de serem alcançadas na experiência real.

Como mencionado anteriormente, a partir do século XVIII, observa-se a mudança de que a maternidade passa a ser apresentada como uma obrigação feminina. Segundo Zanello (2016), é nesse período que se fortalece a ideia de que toda mulher possui uma inclinação natural para cuidar dos filhos, consolidando o chamado “mito do

amor materno". Essa concepção reforça a expectativa de que a mulher deve encontrar realização na maternidade, muitas vezes desconsiderando seus próprios desejos, limites e condições subjetivas.

Além do mais, a construção da maternidade também está relacionada à forma como a sexualidade feminina foi historicamente regulada, sendo direcionada principalmente à reprodução dentro de padrões socialmente aceitos (Tourinho, 2006). Isso contribuiu para que a maternidade fosse vista não apenas como uma possibilidade, mas como um caminho esperado e, em muitos casos, as cobranças associadas a esse papel podem gerar impactos significativos na vida das mulheres.

Conforme discutido por Serrurier (1993), a pressão para corresponder ao ideal de "boa mãe" pode provocar sentimentos de autorresponsabilização excessiva e frustração, tanto em mulheres que desejam ser mães quanto naquelas que não se identificam com esse papel. Essa responsabilização quase exclusiva da mulher pela criação dos filhos acaba intensificando as exigências emocionais que recaem sobre ela. Outro ponto relevante diz respeito à forma como discursos científicos e psicológicos também contribuíram para essa construção.

De acordo com Edmonds (2012), difundiu-se a ideia de que cuidar de uma criança seria algo simples e natural para a mulher, como se esse saber estivesse automaticamente presente. Essa visão desconsidera a complexidade da experiência materna e ignora as necessidades da própria mulher, reforçando um padrão que pode gerar sofrimento. As consequências dessa lógica também aparecem na forma como a sociedade percebe mulheres que não são mães.

Estudos como o de Souza e Ferreira (2005) indicam que essas mulheres podem se sentir desvalorizadas ou deslocadas socialmente, já que a maternidade ainda é fortemente associada à realização feminina.

Nesse sentido, optar por não ter filhos pode significar, muitas vezes, confrontar expectativas sociais e enfrentar julgamentos (Vilela, 2015). Apesar das transformações sociais e da ampliação dos papéis femininos na contemporaneidade, a maternidade ainda ocupa um lugar central na construção da identidade da mulher. Como apontam Leite e Frota (2014), permanece a ideia de que ser mãe é um caminho essencial para a realização pessoal, o que contribui para sua naturalização e, em muitos casos, para sua vivência como uma exigência social.

Contudo, essa perspectiva possibilita refletir sobre como essas expectativas influenciam a experiência das mulheres, aspectos que serão aprofundados nos próximos tópicos.

2.2. Incongruência Entre a Experiência Materna e os Ideais Sociais: Impactos Psicológicos

O ideal materno foi sendo construído historicamente a partir de valores e expectativas que associaram a mulher ao cuidado, à dedicação e à responsabilidade pelos filhos. Ao longo desse processo, a maternidade passou a ser apresentada não apenas como uma possibilidade da experiência feminina, mas como um papel social esperado, acompanhado de padrões sobre como a mulher deveria vivenciá-la. Essa construção contribuiu para a formação de um modelo idealizado de mãe, que ainda influencia a

maneira como muitas mulheres percebem e avaliam suas próprias experiências maternas.

Além disso, naturalização do instinto materno também contribui para a produção de expectativas sociais rígidas, que podem influenciar tanto mulheres que são mães quanto aquelas que não desejam ou não podem exercer a maternidade. No caso das mulheres que não têm filhos, seja por escolha ou por limitações físicas, essas expectativas podem gerar sentimentos de inadequação, exclusão ou julgamento social (Badinter, 2011). A maternidade, nesse sentido, deixa de ser uma possibilidade para se tornar uma exigência simbólica.

Mesmo entre mulheres que vivenciam a maternidade, a não correspondência aos ideais socialmente construídos sobre o amor materno pode estar relacionado ao sofrimento psíquico. Quando há um distanciamento entre a experiência vivida e a imagem idealizada de si mesma, instala-se um estado de incongruência, que pode levar ao sofrimento psíquico (Rogers, 1997). Nesse contexto, o sofrimento pode estar relacionado também às exigências sociais que influenciam a forma como a maternidade é vivenciada e significada.

No que diz respeito à saúde mental, é importante considerar uma perspectiva ampliada. Segundo a Organização Mundial da Saúde (1946), a saúde não se restringe à ausência de doença, mas envolve um estado de bem-estar físico, mental e social. Dessa forma, fatores como sobrecarga emocional, ausência de rede de apoio, vulnerabilidade socioeconômica e pressão social podem influenciar diretamente a saúde mental das mulheres.

No período gestacional e pós-parto, esses fatores podem se intensificar. Embora o nascimento de um filho seja frequentemente associado a experiências positivas, também pode envolver momentos de estresse e instabilidade emocional, o que pode contribuir para o desenvolvimento de quadros como a depressão pós-parto (Prenoveau et al., 2013). Esse quadro evidencia que a maternidade não deve ser romantizada, pois envolve desafios que nem sempre são reconhecidos socialmente.

Para além disso, estudos apontam que fatores como desigualdade social, múltiplas demandas, conflitos familiares e alterações hormonais podem aumentar a vulnerabilidade das mulheres ao sofrimento psíquico (Campos; Rodrigues, 2015). No caso específico do período pós-parto, manifestações como tristeza materna, depressão e até quadros mais graves, como a psicose pós-parto, demonstram a complexidade dessa experiência.

Diante disso, torna-se fundamental compreender que a maternidade não pode ser reduzida a um ideal universal. Trata-se de uma experiência singular, atravessada por múltiplos fatores que influenciam sua vivência. A escassez de discussões que considerem essa complexidade contribui para a manutenção de padrões rígidos e para o silenciamento do sofrimento feminino.

2.3. A Compreensão do Sofrimento Psíquico a Partir da Abordagem Centrada na Pessoa

A Abordagem Centrada na Pessoa, desenvolvida por Carl Rogers, compreende o ser humano como um organismo em constante desenvolvimento, dotado de potencialidades e orientado por uma tendência natural ao crescimento, denominada tendência

atualizante. Segundo Rogers (1997), essa tendência refere-se à capacidade do indivíduo de desenvolver-se de maneira saudável, buscando autonomia, autenticidade e realização pessoal.

Entretanto, esse processo pode ser atravessado pelas relações sociais e pelas expectativas impostas ao sujeito ao longo de sua vida. Para Rogers (1997), o sofrimento psíquico não deve ser entendido apenas como um fenômeno individual ou patológico, mas também como resultado das experiências relacionais vividas pelo sujeito. Desde a infância, o indivíduo necessita de aceitação, afeto e reconhecimento.

Contudo, quando essa aceitação ocorre de maneira condicionada, a pessoa passa a acreditar que só será valorizada se corresponder a determinadas expectativas externas. É nesse contexto que surgem as chamadas condições de valor. As condições de valor são exigências internalizadas pelo indivíduo ao longo das relações interpessoais e sociais, fazendo com que a pessoa organize sua percepção de si mesma a partir da aprovação externa (Rogers, 1997). Dessa forma, sentimentos, desejos e experiências que não correspondem ao que é esperado socialmente podem ser negados ou reprimidos, favorecendo o afastamento do sujeito de sua experiência autêntica.

Embora Rogers concentre sua análise nas experiências relacionais e nas condições de valor internalizadas pelo indivíduo, essa discussão pode ser ampliada ao considerar as expectativas sociais relacionadas aos papéis de gênero. Nesse sentido, Butler (2003) contribui para compreender as normas sociais que podem estabelecer padrões considerados adequados para homens e mulheres, influenciando diretamente a construção das identidades e das subjetividades.

Assim, determinadas características associadas ao feminino, como cuidado, sensibilidade, dedicação e maternidade, passam a ser socialmente valorizadas e esperadas das mulheres.

A partir dessa lógica, mulheres que não correspondem a esses padrões podem experimentar sentimentos de culpa, inadequação e insuficiência. A pressão para atender expectativas relacionadas ao desempenho feminino pode favorecer sofrimento emocional, principalmente quando há dificuldade em corresponder aos ideais socialmente construídos. Nesse aspecto, a perspectiva rogeriana permite compreender que o sofrimento não está necessariamente na experiência em si, mas na negação da experiência autêntica em função da necessidade de aceitação.

Além disso, Simone de Beauvoir (2016) afirma que a condição feminina é construída historicamente por meio de normas sociais que definem o que significa “ser mulher”. Dessa forma, muitas exigências atribuídas às mulheres são naturalizadas ao longo do tempo, tornando-se padrões rígidos de comportamento e contribuindo para processos de sofrimento psíquico quando não correspondidos. A partir dos conceitos da ACP, é possível compreender determinados aspectos do sofrimento psíquico feminino considerando relações e experiências que podem dificultar o contato da mulher com sua própria subjetividade.

Assim, a teoria rogeriana possibilita compreender o sofrimento psíquico relacionado às condições de valor impostas socialmente não como uma falha individual, mas como consequência de processos sociais e relacionais que limitam a livre expressão da experiência humana. A partir dessa perspectiva, torna-se possível refletir sobre a importância de relações mais acolhedoras, empáticas

e livres de julgamentos, capazes de favorecer maior aceitação de si e autenticidade na experiência feminina.

Contudo, partindo do objetivo específico de analisar a construção histórica e social da maternidade, levanta-se a hipótese de que a maternidade foi historicamente construída como um papel central da identidade feminina, sendo associada a expectativas de cuidado, abnegação e realização pessoal. Dessa forma, os estudos apontam que discursos sociais, culturais e religiosos tenham contribuído para a naturalização da ideia de que ser mulher está diretamente relacionado ao exercício da maternidade, influenciando a forma como as mulheres percebem a si mesmas e seus papéis sociais.

Em relação ao objetivo de compreender os impactos psicológicos que podem surgir quando a experiência real da maternidade entra em conflito com os ideais socialmente impostos, a literatura analisada indica que a idealização da maternidade pode favorecer sentimentos de culpa, inadequação, frustração e sofrimento psíquico em mulheres que não conseguem corresponder ao modelo socialmente esperado da “boa mãe”. Assim, os estudos identificam que as exigências relacionadas à perfeição materna possam dificultar a vivência autêntica da maternidade e contribuir para o adoecimento emocional feminino.

Por fim, a partir do objetivo de refletir sobre como a Abordagem Centrada na Pessoa compreende o sofrimento psíquico e emocional feminino, parte-se da hipótese de que os conceitos de condições de valor e incongruência, desenvolvidos por Carl Rogers, possibilitam compreender o sofrimento psíquico feminino como resultado do distanciamento entre a experiência real da mulher e as expectativas sociais internalizadas. Nesse sentido, acredita-se que a imposição de

padrões idealizados sobre a maternidade possa comprometer o contato da mulher com sua experiência autêntica, favorecendo conflitos emocionais e sofrimento psicológico.

3. CONSIDERAÇÕES E RESULTADOS

A presente pesquisa buscou compreender como as expectativas sociais relacionadas à maternidade podem se configurar e influenciar a experiência emocional das mulheres. A partir da revisão bibliográfica realizada, foi possível compreender que a maternidade não se constitui apenas como uma experiência individual, mas é atravessada por construções históricas, sociais e culturais que contribuíram para a formação de expectativas acerca do que significa ser mulher e, especialmente, do que se espera de uma mulher que se torna mãe.

Diante disso, pesquisas futuras poderão aprofundar a temática por meio de estudos qualitativos que considerem as narrativas de mulheres com diferentes experiências de maternidade, incluindo aquelas que escolheram não ser mães, mulheres que vivenciam a maternidade de forma não planejada e aquelas que enfrentam conflitos entre suas próprias necessidades e as expectativas sociais relacionadas ao papel materno. Também se mostra pertinente investigar como essas experiências se apresentam em diferentes contextos socioculturais, contribuindo para uma compreensão mais ampla das relações entre maternidade, subjetividade, condições de valor e sofrimento psíquico.

Desse modo, a pesquisa possibilitou compreender que refletir sobre a maternidade implica também questionar os sentidos que foram historicamente atribuídos a essa experiência. Sob a perspectiva da

Abordagem Centrada na Pessoa, ampliar o espaço para que cada mulher reconheça e atribua significado à própria experiência constitui uma possibilidade de afastamento de modelos previamente estabelecidos e de aproximação de uma vivência mais coerente com aquilo que efetivamente experiencia e sente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BADINTER (2011). **O conflito: a mulher e a mãe,** Rio de Janeiro: Editora Record.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

BEAUVOIR, Simone de.**O segundo sexo.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2016.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas**. Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes / Ministério da Saúde, Secretaria de Atenção à Saúde, Departamento de Ações Programáticas Estratégicas.** – Brasília: Ministério da Saúde, 2004.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CAMPOS, Bárbara Camila de; RODRIGUES, Olga Maria Piazentin Rolim. 4, p. **Depressão pós-parto materna: crenças, práticas de cuidado e estimulação de bebês no primeiro ano de vida.** Psico (Porto Alegre), Porto Alegre , v. 46, n. 483-492, dez. 2015 . Disponível .

DSM-V: **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mental.** (2013). American Psychiatric Association (APA).Evans, J., Heron, J., Lewis, G., Araya, R., & Wolke D. (2005). Autoesquemas negativos e o início da depressão emmulheres: estudo longitudinal. The British Journal of Psychiatry, 186 (4), 302 30.

FIGUEIRA,Sérvulo A. **O "moderno" e o "arcaico" na nova família brasileira: Notas sobre a dimensão invisível da mudança social.** In: FIGUEIRA, S.A. (Org.). Uma nova família? O moderno e o arcaico na família de classe média brasileira. Rio de Janeiro, Zahar, 1987. Cap 1,p. 11-31

MOREIRA, Maria Ignez Costa. **Aspectos psicossociais da gravidez e suas influências na construção de identidade e nas relações de gênero.**Belo Horizonte, 1994. 224p. Tese (Mestrado) –Universidade Federal de Minas Gerais.

ROGERS, Carl R. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes, 1997

ROGERS, Carl R.; KINGET, Marian ***G.Psicoterapia e relações humanas***. Belo Horizonte: Interlivros, 1977. v. 1.

---

[1] Acadêmica do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação Santa Terezinha-FEST, Imperatriz-MA. E-mail: acesse o artigo original para visualizar o e-mail

[2] Professora Especialista do Curso de Psicologia da Faculdade de Educação Santa Terezinha-FEST, Imperatriz-MA.